

O JARDIM DE ALLAH: O DISCURSO AMBIENTAL ISLÂMICO A PARTIR DE APORTES ANTROPOLÓGICOS DA ECOLOGIA POLÍTICA

Vanessa Karla Mota de Souzaⁱ

RESUMO

O presente artigo se propõe a discutir a relação entre a ecologia política e a perspectiva islâmica do cuidado com o meio-ambiente a partir do sentido de *tawid* – usado como forma de compreensão e vivência plena da religião islâmica. A discussão se desdobra a partir da abordagem da análise política de Moscovici propondo um diálogo com outros autores como Geertz, Raynaut, Brustolin e Machado, Matos, Prado, Zwetsch, Da Matta, Islam, Andrade, Limeira, dentre outros.

Palavras-chave: Meio-ambiente; islamismo; religião; ecologia política e antropologia.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the relationship between political ecology and Islamic perspective of caring for the environment from the sense of *tawid* - used as a way of understanding and experience of the full Islamic religion. The discussion unfolds from the policy analysis approach Moscovici proposing a dialogue with other authors such as Geertz, Raynaut, Brustolin and Machado, Matos, Prado, Zwetsch, Da Matta, Islam, Andrade, Limeira, among others.

Keywords: Environment, Islam, religion, political ecology and anthropology.

INTRODUÇÃO

*O mundo é belo e verdejante e, verdadeiramente,
Allah, seja Ele exaltado, os fez Seus gerentes nele e Ele vê como se comportam.
(Saheeh Muslim)*

Esse artigo é resultado de uma pesquisa etnográfica para produção de trabalho de conclusão de cursoⁱⁱ de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba, na qual foi articulada a discussão do conteúdo temático ministrado pela disciplina Cultura e Ambiente. A proposta é refletir sobre a concepção muçulmana da relação do homem com o meio ambiente relacionado à Antropologia Ecológica, conciliando o pensamento da ecologia política, a partir da abordagem de Moscovici. Esta tem sido objeto de estudo há mais de uma década, que por ter uma compreensão criacionista, de onde se pode traduzir sua ecoteologia através de uma ética que permite o diálogo com as ideias da antropologia política e do meio-ambiente.

O jardim faz parte da teologia islâmica, assim como o paraíso e o jardim de Eden na teologia cristã. A vida religiosa é uma vida experienciada também na ecologia, porquanto a criação é meio e lugar da devoção, da expressão da espiritualidade. Ao crente, é outorgada a obrigação de preservar o meio-ambiente, por todas as frentes de ações da crença e da normatividade social.

É interessante refletir como a fé e a política se conjugam ante as questões ambientais dentro da teologia islâmica, tendo em vista que o islamismo é, peculiarmente político, como herança de sua trajetória histórica e seu ambiente cultural.

Propomos-nos, dessa forma, a compreender como o discurso religioso e político podem se interligar de modo a contribuir acerca dos problemas ambientais modernos. Esperamos, dessa forma, dialogar com essa tradição, do ponto de vista da teoria da antropologia política no que diz respeito as formas de participação dos indivíduos na sociedade.

Abordamos propositadamente uma perspectiva teológica, porque acreditamos que ela ultrapassa os limites das *generalidades* do sagrado. A *especificidade teológica* permite um embate mais apropriado e reúne em seu escopo questões mais pertinentes no que diz respeito a ética e espiritualidade na análise sobre a dimensão da ecologia.

Ecologia e espiritualidade podem ser conjugadas a partir de uma perspectiva política, tendo em vista a evidente clareza com que dialogam no campo da antropologia.

Nossa metodologia se fundamentou na análise bibliográfica dos textos, nas falas dos sujeitos adeptos do islamismo da comunidade sunita em João Pessoa, bem como nas falas de outros adeptos e líderes muçulmanos no Brasil e ainda nas discussões em sala de aula sobre os assuntos abordados.

A RELIGIÃO ISLÂMICA – UM BREVE HISTÓRICO: IDENTIDADES, SENTIDOS E VALORES.

O islamismo historicamente surgiu no século VII com as pregações do *hanif* (MATOS, 2009) Abu al-Qasim Muhammad ibn' Abd Allah ibn' Abd al Mut talib ibn Hashim, ou mais conhecido como Maomé (numa tradução aportuguesada) ou Muhammad, que conclamava o povo do território arábico a uma nova forma de vida religiosa, cultural e social.

Desse modo, o período histórico desde o surgimento até as primeiras décadas do islamismo, é definido por alguns estudiosos islâmicos, como “[...] Um momento único, onde um mundo estava à espera de um guia e um homem em busca de uma vocação” (HOURANI, 2001:33).

A pregação de Muhammad ao que parece possibilitou mudanças não apenas no âmbito da religião local, mas, conferiu a princípio, aos árabes da península arábica, oportunidades para se reorganizarem como nação, a partir da reconstrução de sentido (formas de apreensão de valores e estilos de vida) para os habitantes das suas *comunas* como Makka e Medina. Muhammad foi, portanto, chefe militar, político e religioso.

O islamismo hoje é praticado por cerca de 1, 5 bilhões de muçulmanos, ou seja, quase 22% da população mundial, distribuídos na sua maioria entre a Ásia, Oriente Médio e África, conforme ilustrado nas figuras. A maioria dos muçulmanos não são árabes. Segundo dados da Folha de S. Paulo, publicados em 2009, o Islamismo apesar de ser uma religião em crescente expansão, ainda é minoria na Europa e Américas mesmo com o amplo contingente migratório. Os maiores grupos de muçulmanos estão localizados em regiões como Ásia, Oriente Médio e África. No que diz respeito a porcentagem da população de muçulmanos nos continentes, a maioria ainda está localizada na Ásia, mas há um aumento nos continentes europeu e americano, principalmente relacionado as novas frentes de imigração.

Em alguns países, como o Brasil é um grupo minoritário, mas, desenvolve amplas ações de proselitismo através de entidades divulgadoras do islamismo como é o caso da FAMBRAS- Federação das Associações Muçulmanas no Brasil com sede em São Paulo /SP e responsável por, segundo definição no site da instituição “[...] fortalecer e unificar as diversas entidades islâmicas no Brasil [...] sendo em grande parte, responsável pelo contínuo crescimento, fortalecimento da prática e da cultura islâmica”.

A que se atribuí esse contínuo crescimento de uma religião tradicional como a islâmica, com normas de conduta e valores tão fundamentalistasⁱⁱⁱ nos países ocidentais? Nos discursos dos fiéis da comunidade muçulmana em João Pessoa, por exemplo, são comuns as afirmações sobre o caráter não hierárquico e pessoal da religião, como bem define PIAZZA (1996: 384) ao estruturar o sistema religioso islâmico com base nos seguintes princípios:

“Sem dogmas, a não ser o seu absoluto monoteísmo, que faz de Alá um deus inteiramente transcendente e solitário...”;

“sem sacramentos, pois o islamismo não reconhece a separação entre Sagrado e Profano...”;

“sem sacerdotes, pois não admite intermediários entre Deus e os homens...”;

“sem liturgia, sem sacrifícios, sem imagens...”;

“sem estrutura eclesial (estrutura hierárquica); no entanto, tem os seus teólogos (Ulemá)^{iv}, os seus pregadores (khatib),

os seus mestres de oração (imã), os seus pregoeiros de oração (muezzin);

“feita para homens do deserto.

A IDENTIDADE, SENTIDOS E VALORES DA VIDA MUÇULMANA NA ANÁLISE DO CONCEITO DE TAWID – CONTRIBUIÇÕES PARA A ECOLOGIA ISLÂMICA

Como já foi dito, a religião islâmica reivindica uma identidade religiosa única, cuja singularidade se firma sob várias diretrizes do que denominamos como “sentidos islâmicos”. Após treze séculos, é possível ter uma visão mais ampla do significado que as pregações de Muhammed concederam primeiramente, para as tribos primitivas da Arábia pré-islâmica. É certo, por exemplo, que o islã lhes ofereceu muito mais do que uma religião. Concedeu-lhes a oportunidade de compartilharem a ideia de unidade, de propagarem por todo o mundo suas habilidades nas ciências, nas artes, na literatura, na medicina e, principalmente, na construção de civilizações, aonde segundo as narrativas árabes eram erguidas sobre os pilares da tolerância, da igualdade e do conhecimento.

A sociedade árabe não era mais marginal. Eram construtores da própria história, intérpretes do sentido da vida. E assim, desenvolveram um forte sentimento de pertença.

O islamismo possibilitou importantes reformas sociais, políticas e culturais. Estabeleceu novas relações sociais, seja no âmbito do parentesco, tanto quanto nas categorias da política e economia, concedeu a oportunidade de uma nova posição na sociedade para mulheres, pobres e escravos.

Ao mesmo tempo, fortaleceu os aspectos que considerou mais positivos da cosmovisão árabe como a lealdade, a honra, a força, o orgulho, a hospitalidade e a família.

O islamismo se expandiu. Conquistou dezenas de territórios ao longo de sua trajetória nos últimos catorze séculos. Ultrapassou as fronteiras do deserto e chegou a outros povos. Nesse processo, viu sua unificação a traços culturais distintos frente a uma contextualização que era inegociável nos seus sentidos e valores, mas adaptável quanto à vida cotidiana.

E continua assim em nossos dias. Na minha pesquisa de campo entre os *revertido* pessoenses, tive minha experiência do *anthropological blues* (!) quando na fala de um dos muçulmanos ouvi pela primeira vez a expressão “New islam” numa alusão a ideia de contextualização do islamismo para os brasileiros.

Portanto, ainda hoje, para estes novos adeptos, a práxis religiosa se concentra nos preceitos religiosos e na normatividade que estes devem ter na vida diária. A vida do revertido islâmico é uma vida de obediência religiosa.

Portanto, as culturas muçulmanas são múltiplas e diversificadas. O islamismo já afirmou GEERTZ (2004) não é uma religião homogênea, de consenso.

No entanto, há um *ethos* que os une, definido por como “[...] o tom, o caráter, e a qualidade da sua vida, seu estilo, e disposições morais e estéticos – e sua visão de mundo – o

quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas ideias mais abrangentes sobre ordem de um povo, seus símbolos sagrados”. (GEERTZ,1978:66)

O seu significado para estes novos adeptos se concentrou nos preceitos religiosos, e na normatividade que estes deveriam ter na vida diária. A vida do revertido islâmico é vida de obediência religiosa.

“Embora o islamismo tenha enfrentado culturas diversas no momento de sua formação como, por exemplo, a filosofia grega, o espiritualismo cristão e o misticismo hindu, apresenta um teologia, uma moral, uma jurisprudência e uma vida religiosa altamente espiritualistas” (MATOS, 2009:452).

É notório o fato de que as palavras do Al Corão^v regem em amplitude total a vida nos países islâmicos, sofrendo variações de acordo com o radicalismo do governo. São os escritos do Al Corão, das Haddit^{vi} e a Sharia^{vii}, que constituem o tronco onde toda a ideologia árabe se desenvolve. Allah é uma verdade inquestionável. A conduta moral, cívica, política e pessoal é vivida de modo a agradá-lo. É inarredável o ritual religioso da vida cotidiana. A religião é a essência da vida e das relações sociais, conforme define AMSTRONG (2001:56) “[...] o primeiro dever de um muçulmano consiste em construir uma sociedade justa e igualitária, onde os pobres e os fracos sejam tratados com respeito”.

Além, é claro, da convicção de serem todos os muçulmanos, pertencentes a uma mesma irmandade, a “Ummah”, cabendo a eles, distribuídos em todo o mundo, promover a união da Dal-Islam (Casa do Islã). Uma união tanto no aspecto confessional, como social e político-econômico: “Enquanto os cristãos identificam a ortodoxia como a crença correta, os muçulmanos, como os judeus, exigem a ortopraxis, a uniformidade da prática religiosa, e consideram a crença uma questão secundária”. (AMSTRONG, 2001: 57).

É o esforço da jihad (AMSTRONG, 2001: 57) a fim de que organizem a sua vida de modo a “submete-se” a Deus e promover a realização dos seus planos para a humanidade. É o empenho pela *tawid* “[...] que vem a ser a virtude cardeal do islamismo” (AMSTRONG, 2001: 56).

O conceito da *tawid* é o mesmo da unicidade de Deus na teologia islâmica. No ato da reversão, o fiel deve repetir as seguintes palavras na língua árabe: “La ilaha illallah”^{viii}. Na perspectiva muçulmana, ao repetir essas palavras, o muçulmano está afirmando que o Deus do Islã é único, diferenciando-o das outras crenças por não associar-lhe nenhuma outra divindade: “É a expressão desta crença que faz a diferença entre um verdadeiro muçulmano e um kafir (descrente), um mushrik (aquele que associa parceiros a Deus em Sua Divindade) ou um dahriyah (um ateu)” (MAWDIDU, 2009).

Por ser o deus islâmico um ser imanente, todo-poderoso e auto-suficiente, é merecedor de adoração (ilah) “ (...) no universo todo, não existe absolutamente qualquer outro ser digno de ser adorado que não seja Allah, que é o único diante de Quem as cabeças devem se curvar em submissão e adoração, que Ele é o único Ser que possui todos os poderes, que todos precisamos de Suas bênçãos e que somos obrigados a buscar Seu socorro. Ele está oculto de nossos sentidos e nossa inteligência não percebe o que Ele é” (MAWDUDI, 2009).

A *tawid*^{ix} é um conhecimento pleno e perfeito, adquirido ao longo dos séculos, mediante a reflexão crítica das formas da natureza, mistérios do universo e das categorias do pensamento religioso. Portanto, sua suposta verdade, expressa na kalimah preconiza a unicidade de um Deus (Allah)^x cujos atributos lhe garantem a absoluta servidão e obediência

por parte dos “submetidos”^{xi} (la ilaha) de modo que não pode ser associado a nenhuma outra forma ou divindade (illallah).

A Tawid está intimamente relacionada ao princípio de irmandade entre os muçulmanos em todos os lugares. Podemos concordar com Geertz, quanto à multiplicidade da religião islâmica frente as diferenças culturais quanto aos sentidos e visões de mundo, mas, no sistema religiosos islâmico, há um outro conceito que dialoga com a Tawid: a Ummah. A Ummah é concebida como uma comunidade muçulmana una em suas relações entre si, a despeito das diferenças culturais, biológicas ou geográficas. Ser muçulmano é ser Ummah. É a expressão da unicidade entre os homens e sua relação com a natureza. “No Islã a unidade de Deus (Ele é único) corresponde à unidade da criação e infere-se que, todos os seres provem da ação criadora d’Ele, portanto, todos estão conectados entre si”^{xii}.

Sendo assim, o cuidado com o meio-ambiente é uma forma de preservação do bem-comum, que por sua vez, é concebida como uma forma de serviço a Deus. A tawid é assim, é o fundamento dos princípios de sustentabilidade ecológica na teologia islâmica: “The Islamic concept of personal liability towards other people as well as all things on Earth by far precedes individual interests, and is also connected with numerous Islamic absolute values” (SAFAR, 2008: 13).

OS MITOS E A CONCEPÇÃO RELIGIOSA DA ORIGEM E PRESERVAÇÃO DA NATUREZA COMO FORMA DE COMPREENSÃO DO DISCURSO ECOLÓGICO ISLÂMICO

É preciso traçar um percurso teórico a partir da discussão sobre a concepção religiosa frente à temática ecológica moderna. Segundo ZWETSCH (2008) a discussão da relação que o homem deve manter com a natureza frente os pressupostos religiosos, ultrapassa as fronteiras teológicas, apegando-se a períodos anteriores aos registros sagrados.

Tendo em vista que na maioria das religiões há uma crença na formação do mundo a partir de uma ação criacionista – seja a que deus for que estejam se referindo – existe uma relação particular entre crença e meio-ambiente. Segundo a moderna cosmologia, a Terra é um ser vivo (Gaia) em meio ao qual tudo está interretro-relacionado (...)”. Nas tradições dos povos andinos, a Terra é a grande mãe (Pachamama), o grande útero que concede e sustenta a vida e os povos da Terra. Citemos, por exemplo, alguns mitos da criação, a exemplo do mito do povo Mbyá-Guarani do Paraguai que “(...) narra como Ñanderuvusú, o Grande Pai, chamou à existência o mundo, as plantas, os animais e o primeiro ser humano, Ñanderú-Arandú, aquele que dialoga com o criador e recebe dele o mandato de cuidar da terra” (SAFAR, 2008). ZWETSCH (2008) analisa, então, que segundo esse mito “(...) os seres humanos são companheiros de Deus e, como tais, co-criadores”.

No caso da tradição judaico-cristã, o ser humano (adam, em hebraico) é criado a partir da terra (adamá, em hebraico). Atentemos para a Canção da Criação, registrada no Rig Veda hindu^{xiii}:

Então não existia o não-existente, nem o existente - não havia areino do ar, nem céu lém dele. O que encobria, e onde? E o que dava abrigo? Existia água ali, urra profundidade insondável de água?

Não existia então a morte, nem coisa alguma imortal - não havia sinal, o divisor do dia e da noite. Aquela coisa única, sem alento, respirou por sua própria natureza – a não ser ela, não existia coisa alguma.

Existia treva; de começo oculto na treva, esse Tudo era caos indiscriminado. E tudo quanto existia então era vazio e sem forma – pelo grande poder do calor nasceu aquela unidade. Daí em diante surgiu o desejo no início, Desejo, a semente e germes primevos do espírito. Sábios que buscavam com o pensamento e seus corações descobriram o parentesco do existente no não-existente.

Transversalmente sua linha de separação se estendeu - o que estava acima, então, e abaixo? Existiam reprodutores, forças poderosas, ação livre aqui e energia acima, além. Quem realmente sabe e quem pode declarar, de onde nasceu e de onde veio essa criação? Os deuses vieram depois da produção deste mundo. Quem sabe, portanto, de onde ele veio pela primeira vez?

Ele, a primeira origem desta criação, tenha formado a mesma toda ou não a tenha formado, cujo olho controla este mundo no céu mais alto, ele realmente sabe, ou talvez não saiba”.

Os chineses também têm sua forma de narrar à origem do universo, registrada em “O mito chinês de Panku”^{xiv}:

“Segundo a tradição, antes da separação do céu e da terra, o universo assemelhava-se a um ovo gigantesco. Pan-Ku crescia em seu interior. Após dezoito mil anos, subitamente despertou e abrindo os olhos não se apercebeu de coisa alguma em torno de si. Atorreado tomou de um machado e girando-o com grande ímpeto, conseguiu quebrar a casca do ovo num enorme estrondo. Então a parte superior elevou-se aos poucos formando o céu. A parte inferior lentamente desceu, formando a terra. Quanto a Pan-Ku, este assumiu sua forma: possuía cabeça de dragão e corpo de cobra. Sua respiração era constituída pelo vento, a chuva e o trovão. Quando abria os olhos se fazia luz. Quando os fechava, só o escuro.

Pan-Ku, para impedir que se unissem novamente as partes ora separadas, exteriorizou todo o seu poder, fixando-se entre o céu e a terra como eixo. O céu subia diariamente dez pés. O chão, já estabelecido, avolumava-se dezoito mil pés por dia. Quanto ao corpo de Pan-Ku, este se desenvolvia no mesmo ritmo.

E assim se passaram outros dezoito mil anos. Pan-Ku continuava a desenvolver-se, tão forte e sólido, que sustentava o céu. Contudo, chegado o momento em que estando firmes o céu e a terra, entendeu não ser mais necessária a sua permanência na posição de eixo e assim deitou-se para morrer. E se metamorfoseou. Magicamente sua respiração se transformou no

vento e nas nuvens e sua voz no trovão. De seu olho esquerdo nasce o sol. De seu olho direito surge a lua. Mãos e pés criam os quatro pontos cardeais e as grandes montanhas. De seu sangue, o milagre dos rios e dos nervos os caminhos naturais. De sua carne a terra fértil. De seus cabelos e barba criam-se as estrelas. De sua pele e pêlos brotam árvores e outros vegetais. De seus dentes e ossos eclodem as rochas e pedras preciosas, as pérolas e o jade. E de seu suor, a fonte do orvalho e da chuva. Os homens, numa atitude de profunda reverência e respeito, fizeram erguer um grande túmulo de 300 milhas de comprimento para todo o sempre cultuar o seu espírito”.

Outro mito que podemos citar, para compreendermos a universalidade das narrativas cosmológicas como forma de elaboração de uma ética ambiental religiosa, está entre os Ioruba, onde “(...) no início dos tempos havia dois mundos: Orum, espaço sagrado dos orixás, e Aiyê, que seria dos homens, feito apenas de caos e água. Por ordem de Olorum, o deus supremo, o orixá Oduduá veio à Terra trazendo uma cabaça com ingredientes especiais, entre eles a terra escura que jogaria sobre o oceano para garantir morada e sustento aos homens” (ARAÚJO, 2008).

A ética ambiental religiosa diz respeito a um cuidado que o ser humano deve desenvolver para com o meio-ambiente, e a partir das narrativas sagradas, “Os mitos colocam o que é mais importante na cultura local com uma importância proporcional nos mitos de criação” (RODRIGUES apud ARAÚJO, 2008).

Dessa forma, uma teologia ecológica é primordial na discussão da práxis religiosa dos crentes, tendo em vista que o sagrado e a natureza se conjugam na vida da maioria dos fieis.

No caso do islamismo, sua narrativa cosmológica é proveniente de fonte comum aos judeus e cristãos – a Torá, escrita por Moisés.

Na concepção muçulmana “(...) Deus tudo criou com um propósito; sendo que os seres humanos foram criados para servi-Lo. Já o restante da Criação para louvar a Deus e servir aos seres humanos. Entretanto, o ser humano foi criado com uma característica peculiar – o arbítrio moral, para que realize boas obras, incluindo o trato correto da natureza, preservando-a para as gerações futuras” (Islam, 2004).

“La idea central de la cosmovisión islámica es el tawhid, La unicidad de todo, una visión holística de la creación como un todo integrado. Al-lâh es un principio creador activo en la naturaleza, y no un motor inmóvil y distante. Los teólogos musulmanes han hablado del Libro revelado y del Libro de la Naturaleza, a través del cual Al-lâh también se nos revela. Esto implica una identidad entre el signo natural y la palabra revelada. El islam considera la Creación como un Libro abierto, el cual manifiesta La sabiduría, la Majestad y la Belleza de Al-lâh. También se considera que todas las criaturas tienen su propia vida, su propio lenguaje y modos de organizarse, forman comunidades que deben ser respetadas como tales” (PRADO, 2009).

É, tendo como ponto de partida, essa perspectiva cosmológica que há na teologia muçulmana uma visão de paraíso permeada por noções ambientais; o jardim será lugar de

repouso, sabores e vivências onde os fieis serão recompensados se procederem retamente na terra, em obediência perfeita aos ensinamentos de Allah.

O jardim passa a ter então, centralidade na própria arquitetura islâmica, projetada tendo como inspiração conceitos relacionados à vida no paraíso.

A regularidade de formas está universalmente considerada como relaxante, e um pátio sombrio é a localização ideal para um jardim em lugares onde o clima é seco e quente. Na sombra projetada pelos muros altos, os paisagistas muçulmanos plantavam densas fileiras de plantas perenes e criavam zonas frescas a base de árvores como: os plátanos e arcos ou os falsos plátanos, para o cultivo de outras plantas. Palmeiras, laranjeiras, limoeiros e outras árvores frutíferas, assim como rosas e outras flores perfumadas, plantadas em geral em jarras e vasos, que contribuíam para suavizar a dureza da linha dos azulejos e a arquitetura do mármore, dando um ar de romantismo para quebrar sua austeridade. Em poucos jardins a água era representada por pedras azuis e cinza, porque a grande maioria possuía um tanque, geométrico central, com pouca profundidade e com água até as bordas e revestido com azulejos de cor azul para parecer mais profundo. As águas que jorravam das fontes, refrescava o ar, e seu murmúrio produzia um efeito relaxante. Para fazer sombra, usavam muitos elementos, como: colunas, varandas, tendas, toldos, pavilhões ou alpendres, revestidos de azulejos, quiosques de estilo espanhol cobertos com parreiras ou com arcos de ciprestes unidos em cima e plantados em forma de círculo. As estátuas eram pouco comuns, porém grande variedade de azulejos com vistosas cores adornavam os muros e o solo, imitando forma de plantas e suas intrínsecas linhas geométricas (SANTOS, 2007).

Geertz defende que a religião impõe coesão social às sociedades; “Entre os seres humanos, nem o pensamento nem o sentimento são autônomos, um fluxo contido de subjetividade, mas cada um deles depende da utilização pelos indivíduos dos ‘sistemas de significação’ socialmente disponíveis, construções culturais incorporadas na linguagem, costumes, artes e tecnologia – isto é, nos símbolos. (...) ‘sistemas de significação’ socialmente disponíveis – crenças, ritos, objetos significativos – em termos dos quais a vida subjetiva é ordenada, e o comportamento exterior, orientado. (...) a religião é uma instituição social; a adoração, uma atividade social; e a fé, uma força social” (GEERTZ, 2004:32).

Essa perspectiva, como demonstrado não é diferente ante as concepções ambientais da religião islâmica que traduz a sua ética ambiental sob o que denomina “princípios de sustentabilidade” a partir da concepção e prática dos conceitos da *tawhid* – esse por ser mais significativo terá uma abordagem mais ampla -, *fitra*, *mizan* e *khalifa*.

O Jardim de Allah, é o espaço onde teoria e a prática se conjugam, é entre as suas laranjeiras, sombras e fontes de águas que o discurso religioso se traduz na fé daquele que submetido a Deus, se propõe a segui-lo na integralidade da vida.

A árvore e a floresta – um conto islâmico

“[Era uma vez...] Viviam na corte de Harun AL- Rashid dois talentosos poetas. Chamavam-se Cali o primeiro; o outro tinha o nome de Taufik. Gozavam ambos de grande simpatia do rei.

Um dia, quando se achava rodeado por muitos vizires, xeques e nobres muçulmanos, o poderoso califa pediu a seus poetas prediletos que escrevessem alguns versos bem expressivos nos quais fossem exaltados as belezas das árvores e das florestas majestosas do Líbano.

Num tom não isento de respeito, Calil respondeu:

- Rei! Infelizmente não posso atender ao vosso pedido! Quando estive no Líbano, tão deslumbrado fiquei com a grandiosidade da floresta que não tive tempo de reparar nas árvores!

Acrescentou logo o inteligente Taufik:

- O Contrário sucedeu comigo, ó emir dos crentes! Encantado com a beleza da árvore, não me lembrei de observar a floresta!

Ao ouvirem aquelas alegações tão inesperadas e contraditórias, sorriram os nobres cortesãos.

Um sábio, porém, que tudo ouvira com a maior atenção, explicou ao soberano árabe...” (Tahan, 2001: 101-104).

ECOLOGIA ISLÂMICA – A NATUREZA COMO A “CIDADE DE DEUS”^{xv}

Portanto, comunidade e natureza são inseparáveis na ecologia islâmica (SAFAR, 2008). De acordo com a sua visão de mundo e concepção das relações humanas com o meio-ambiente, o islã seria, essencialmente, ecológico (PRADO, 2009). O homem e o meio-ambiente se mantêm integrados, porque ambos, segundo a ecologia islâmica, se originam em Allah. A natureza passa a ser então, um espaço sagrado que deve ser mantido em harmonia por meio do cuidado dos homens. Esses homens devem viver num estado de *fitrah*^{xvi}, um segundo princípio de sustentabilidade, ou seja, de modo integrado à natureza.

“La persona que esta en fitrah tiene una relación directa con la Creación, no se siente separado como sujeto frente a un mundo objetual, no considera a los otros seres como objetos ante los cuales enfrentarse. Vive en estado de tawhid , unido a todo lo que le rodea”^{xvii}.

A crise ecológica é atribuída, portanto, ao consumo irrefletido, a exploração predatória, a ganância humana. O ambiente sofre vítima da corrupção humana. Segundo Ziauddin SARDAR: "As raízes da crise ambiental são axiomáticas, estão em nossas crenças e estrutura de valores, que moldam nossa relação com a natureza, uns com os outros e os estilos de vida que levamos."^{xviii} É o terceiro princípio de sustentabilidade, o *mizan*, “[...] ou princípio da balança, diz que toda a criação de Deus tem uma ordem e um propósito previamente estabelecido pelo Criador, portanto, tudo se conecta em equilíbrio. Quando os seres humanos interferem na natureza tem a capacidade de preservá-la ou destruí-la”^{xix}.

Na ecologia islâmica, o homem é o gerente da criação, responsável por cuidar e preservar todo o meio-ambiente (fauna e flora). Ele é autorizado pelo sagrado para utilizar os recursos naturais com responsabilidade e de modo sustentável, porquanto é administrador e não proprietário desses recursos. Esse seria o *kalifha*^{xx}, o terceiro princípio de sustentabilidade, conforme define PRADO, 2001:

“[...] La palabra árabe califa significa sucesor, alguien con una responsabilidad. El califato es la responsabilidad personal de cada individuo, el hecho de que cada criatura es responsable ante Al-lâh y ante las demás criaturas de sus actos, y no puede delegar en otro la carga por su comportamiento. El califato del ser humano sobre la tierra le conmina a actuar como guardián y delegado de Al-lâh a la hora de proceder en relación a la tierra, el universo y las otras criaturas”.

E completa sobre o que consiste o princípio do califado: “[...] uso responsable de la propiedad, que debe evitar tanto el daño directo sobre la propiedad como el que pueda causar a terceros”.

Esses são princípios norteadores para compreendermos a relação proposta pelo islamismo aos seus fiéis no trato com o meio-ambiente. A religião islâmica é normativa quanto aos seus valores e princípios. Suas regras são institucionalizadas por meio da Sharia^{xxi} que pode ter valor constitucional como é o caso dos Estados islâmicos.

A Sharia estabelece algumas regras para aplicação de uma ética ecológica condizente com os ensinamentos alcorânicos^{xxii}:

- Recuperação de terras (Ihya);
- Estabelecimento de reservas / zonas protegidas (Hima e Harim);
- Zoneamento e planejamento do uso da terra (Haram);
- Caridade e doações (Waqf).

“En definitiva, la Sharia restringe el derecho a la propiedad y establece zonas protegidas, que no pueden ser objeto ni de propiedad ni de explotación. Recursos como los pastos, los bosques, reservas naturales o ciertos minerales han sido objeto de protección jurídica en la jurisprudencia islámica clásica, que incluso desarrolló leyes contra el monopolio. La base de estas leyes es la protección de los bienes naturales para el bien común”.

Do ponto de vista mais prático, é possível sistematizar o pensamento ecológico islâmico, segundo Mawil Izzi Dien:

1) O meio ambiente é criação de Deus; 2) Toda a Criação ora e louva Deus, por isso, todas as criaturas merecem proteção; 3) O Islã incentiva todo ato de bondade, portanto, é esperado que o muçulmano e a muçulmana protejam o meio ambiente; 4) Todos os relacionamentos humanos devem ser baseados nos princípios de justiça; 5) Os seres humanos devem proteger o meio ambiente já que nenhuma outra criatura é capaz de tal empreitada.

O cuidado com o meio-ambiente é uma forma de preservação do bem-comum que por sua vez, é concebida como uma forma de serviço a Deus. A Ummah deve ser uma

comunidade de serviço, ou comunidade *em* serviço. Servir aos homens é servir a Deus, conforme afirma (BAGADER, 2011),

“Essa atitude positiva envolve adotar medidas para melhorar todos os aspectos da vida: saúde, nutrição e as dimensões psicológicas e espirituais, para o benefício do homem e manutenção de seu bem-estar, assim como o aprimoramento da vida para todas as gerações futuras. Como é mostrado nas declarações (...), o objetivo da conservação e desenvolvimento do meio ambiente no islã é para o bem universal de todos os seres criados”.

A cosmovisão ecológica islâmica é elaborada mediando as duas concepções mais usadas no que diz respeito à gestão do meio-ambiente. O islamismo nem aceita que a natureza é produto para consumo inesgotável humano, sem nenhuma forma de regulação^{xxiii}; nem aceita que a natureza é simplesmente valor agregado ao ambiente humano.

Na ecologia islâmica, usufruto pressupõe cuidado. “Embora a atitude do Islã com o meio ambiente, fontes de vida e recursos naturais seja baseada em parte na proibição do abuso, também é baseada na construção e desenvolvimento sustentáveis. Essa integração do desenvolvimento e conservação de recursos naturais é clara na idéia de levar vida a terra fazendo-a florescer através da agricultura, cultivo e construção” (BAGADER, 2011: 3).

De modo geral, a partir da ecoteologia muçulmana, fundamentada nos princípios como *adl* (justiça), *istihan* (preferência para o melhor), *maslaha* (interesse público), *shura* (conselho consultivo dos Califas), *urf* (costumes locais), *istislah* (reforma) e *itidal* (harmonia) é formulada a ética social islâmica que regula as relações ambientais.

“Ética ambiental é o produto de um conjunto de crenças, valores e comportamentos que ajudam a preservar a integridade ecológica da Terra. A cultura e religião são transmitidas de geração em geração através de uma variedade de canais, incluindo o modo formal, informal e outros de educação e aprendizagem” (Islam, 2004: 50, livre tradução).

Há institutos islâmicos especializados no direito ambiental que se propõem a preservar e promover ações de cuidado ao meio-ambiente^{xxiv}.

O mundo continua sendo criado. A terra deve ser admirada e preservada a despeito da expectativa futura do paraíso.

ECOLOGIA POLÍTICA VS ECOLOGIA ISLÂMICA – DIÁLOGO COM O PENSAMENTO DE SERGE MOSCOVICI

A Ecologia política propõe uma visão global da sociedade, onde a natureza é construção biológica e social. É uma relação de certo modo, orgânica. A proposta é conciliar sociedade e natureza tanto nos âmbitos teórico quanto prático. É preciso educar a sociedade para ser a favor da natureza, optando pela regeneração, contra a degradação. A ideia defendida é de uma “sociedade simples” com processos de produção rudimentares e sustentáveis, contra uma perspectiva moderna de “desenvolvimento”. A luta dos ecologistas, então, seria por reinventar cidades e campos, tornando-os novamente “uma coisa só”. Conforme defende Moscovici: “A espécie humana participa da construção do que chamei de

história da natureza, criando seu corpo, seus conhecimentos suas ferramentas ao transformar o ambiente” (MOSCOVICI, 2007: 34).

O método dos ecologistas consiste fundamentalmente, em combater a idéia de que o progresso é consequência da exploração predatória, irremediável e justificada da natureza. É preciso superar o automatismo “(...) que transforma a quantidade em qualidade, o mais recente em mais eficaz, o maior em melhor ou o mais rápido em mais inteligente [...] Como reencontrar a possibilidade de um diálogo numa civilização onde tudo se produz compulsivamente, como resultante de um cálculo, mas não de um raciocínio?” (MOSCOVICI, 2007: 35).

Não há portanto, uma metodologia sistematizada com “uma boa teoria dos métodos de pesquisa”, ao que parece o método dos ecologistas consiste em defender a natureza.

Os ecologistas creem no presente como forma de compreender as realidades vivenciadas. É a partir da realidade que estamos vivendo que pretende-se construir o futuro. Não crê num “Paríso Perdido” ou num “Novo céu e nova terra”. Mas, apenas no que é real nesse momento e suas possibilidades para o futuro. Há uma crise do crescimento segundo uma lógica de produção material que está esgotando os recursos naturais, o crescimento proposto pelos ecologistas, é segundo dizem, um crescimento com formas alternativas de produção e consumo. Portanto, “os ecologistas procuram tudo o que é efervescente, direto, novo, simples” (MOSCOVICI, 2007: 38).

Os ecologistas políticos afirmam que é fundado na desigualdade; a idéia de desenvolvimento, nada mais é do que uma equação denominada contrabanalidade. É a teoria do equilíbrio “(...) crescer deveria significar então, viver da diferença, simplesmente porque a diferença é a vida” (MOSCOVICI, 2007: 40).

A ecologia é uma forma de conceber a vida, em parâmetros de raridade e singularidade. Não se propõe uma alienação, mas, uma percepção de algo que é dado, real: a a natureza. O progresso deve se dá a partir de uma possibilidade de melhorar a condição humana. Não a técnica pela técnica. É preciso limitar o crescimento como forma de lidar de modo terapêutico com a realidade ecológica mundial.

É preciso uma reorganização do trabalho nas esferas da escala e do tempo. Faz-se necessária uma reorganização do tempo social, que deve ser utilizado com as relações pessoais. O tempo de lazer, por exemplo, deve dizer respeito a atividades sazonais e artísticas, todas as atividades que constituem o tecido social. “é preciso , às vezes mais tempo para viver e viver mais tempo” (MOSCOVICI, 2007: 46).

Para essa mudança de mente, faz-se necessária uma reorganização nas prioridades das pesquisas científicas que não podem mais ser determinadas pelas demandas sociais ou de custos. Os ecologistas defendem a pesquisa científica como modo de reorganização dos espaços, do lidar do homem com a natureza. É o momento de superar a big science – a era do fordismo intelectual.

No caso das questões relacionadas com a natureza, os ecologistas políticos se detém nas discussões macrossociais. É preciso manter o diálogo entre ciência e ecologia, viabilizando uma mudança no método epistemológico para uma “metodologia ecológica”. O naturalismo de Rosseau é tido como uma tradição epistemológica a ser reinventada .

Portanto, não e apenas investigar os fenômenos, mas, esforçar-nos por compreendê-los: “[...] não estudamos mais os fenômenos naturais separados dos nossos esforços humanos

para compreendê-los”. É a busca pela autonomia individual, não manipulada, mas que promova o equilíbrio das relações. Há uma defesa pela simplicidade do cotidiano menos tecnicizada e tecnológica, onde haja uma “busca pelas habilidades” a muito perdidas.

Os ecologistas defendem um retorno a uma cidade onde o espaço seja de sociabilidades e não apenas de sustento, onde as crianças sejam educadas de modo a participar da reconstrução do ponto de vista ecológico da sua cidade, onde os indivíduos sejam projetistas do seu futuro no meio-ambiente preservado e sustentável. A paz é, sobretudo, a luta dos ecologistas; guerras destroem a espécie, relega sociedades inteiras a crises econômicas e sociais; torna os seres humanos mais desiguais e os oprime. É contra isso que os ecologistas políticos lutam. A capacidade de gerir politicamente as questões ambientais possibilita aos indivíduos lutarem por suas próprias liberdades.

Essa é a dupla vocação dos ecologistas: 1. Mudar a vida e 2. Reinventar o jeito de fazer política. Como se faz isso? Mobilizando as sociedades desde micro ações sociais (reduzir, repensar e reorientar), até alcançar as esferas mais altas dos governos: o próprio Estado.

A proposta dos ecologistas é, portanto, que tudo o que vive tenha tempo suficiente para viver, antes de morrer.

O diálogo entre a ecologia política e a ecologia islâmica é claro, desde o ponto de partida da preservação ambiental até o envolvimento social, econômico e político nas questões relacionadas com o meio-ambiente. Ambos defendem um crescimento sustentável com ações de conscientização individual e coletiva como mediadora da construção de uma sociedade que conceba a natureza como extensão de si mesmo no que se refere ao respeito pela vida e pelos recursos naturais que devem ser administrados com responsabilidade.

Obviamente as metodologias e os pressupostos que subjazem as ações são diferenciados - enquanto um concebe a causa ecológica como um movimento religioso que se propaga as esferas sociais, o outro a concebe como estritamente político - os dois propõem discutir a realidade ecológica moderna como forma de superação da crise ambiental.

As questões que se propõem são: Pode a religião fazer uso da teoria política da ecologia para legitimar o seu discurso ou vice-versa? Até onde se pode conceber a realidade dos discursos das instituições sociais como mecanismos de cooperação da reinvenção da consciência ecológica?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A árvore e a floresta – Os conselhos de um sábio muçulmano

“[Continuação] - Curiosa e profunda lição podemos tirar das alegações formuladas pelos dois poetas. Os observadores, em geral – Ó rei do tempo! -, podem ser classificados em dois grupos.

Alguns, à semelhança de Calil, abordam os problemas gerais, mas, são incapazes de estudar um caso particular, isto é, admiram a floresta mas não cofitam das árvores! Os outros, como Taufik, encaram as minúcias, os casos isolados, mas são incapazes de uma visão de conjunto. São os tais que admiram centenas de árvores e não se apercebem da existência da floresta

imensa e pujante! O verdadeiro homem de Estado deve encarar os problemas gerais sem todavia desprezar os casos particulares dignos de atenção.

Esse episódio causou tal impressão no espírito do monarca que desse dia em diante, ao estudar, de modo geral, os problemas mais graves do seu país, não desprezava os casos particulares que eram levados ao seu conhecimento. E mereceu, por isso, a estima de seu povo e a gratidão de seus súditos”.

Esse conto, narrado pela tradição islâmica, serve bem as nossas intenções de refletir sobre como as questões ecológicas podem ser tratadas a partir de uma perspectiva religiosa. Dentre tantas formas de religiosidades, o islamismo, semelhante ao cristianismo e judaísmo, tende a interpretar a ecologia como objeto de cuidado e manutenção. É de certa forma, uma realidade surpreendente para aqueles que concebem as religiões como instituições destituídas de ação política e, conseqüentemente, participação social.

A discussão que se propôs com esse texto foi a de compreender as formas de apropriação da natureza por parte dos adeptos da religião islâmica, dialogando com a perspectiva da ecologia política como uma maneira de conceber as semelhanças entre esses discursos e como a vida do homem na sociedade pode ser equilibrada entre uma religiosidade que se exprime no cotidiano e, portanto, por meio das suas relações com a natureza.

De que modo à religião islâmica pode contribuir para o discurso ecológico moderno?

A religiosidade não é, e nem precisa ser entendida como simples mecanismo de alienação social. É possível, enxergar o mundo a partir da perspectiva religiosa, e entender as formas de apropriação dos seus paradoxos e dilemas modernos. A religião não apenas pode ter uma lúcida compreensão sobre as questões ecológicas, como de fato, pode contribuir para superá-las. Esse é sem dúvidas, um diálogo possível, tendo em vista os pontos em comum no debate das duas abordagens.

Que sejamos capazes, mediante as discussões propostas, refletir e conceber ações que atendam as demandas da ecologia moderna.

NOTAS

ⁱ Aluna da disciplina de Cultura e Ambiente ministrada no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba no semestre 2012.1. E-mail: vkmota@hotmail.com

ⁱⁱ SOUZA, Vanessa Karla Mota de. *Para lá e de volta a Allah: Uma análise antropológica sobre a construção da identidade muçulmana entre os revertidos brasileiros na comunidade islâmica sunita em João Pessoa - Paraíba*, Bacharel em Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba, que será defendida em 2013. Orientanda da Profa.Dra. Patrícia Lopes Goldfarb

ⁱⁱⁱ Segundo o Houaiss [adaptado] “*s.m* 1. Movimento religioso conservador que enfatiza a interpretação literal da Bíblia como fundamental a vida e a doutrina cristã. [...]3. p.ext. qualquer corrente, atitude ou movimento conservador que enfatiza a obediência rigorosa a um conjunto de princípios básicos”. Usamos essa definição para conceituar o termo fundamentalismo numa abordagem islâmica usado nesse texto. É preciso estabelecer uma diferença entre fundamentalismo doutrinário - uma vida de obediência rigorosa aos princípios da religião - e o fundamentalismo que gera o terrorismo, discussão que poderá ser aprofundada em outro momento.

^{iv} Nesse caso, aquele que detém o conhecimento da doutrina islâmica. É tido como alguém portador de conhecimento e reconhecido pela comunidade islâmica (Weber: 2009).

^v Al Corão ou “O Recitar” é a principal fonte de autoridade escrita do Islam; revelado gradativamente, durante vinte e três anos; os muçulmanos crêem que veio diretamente do trono de Deus, recitado pelo anjo Gabriel para Muhammad, que o memorizava e depois recitava para os ‘crentes’; Zaid Ibn Zâbit, o copilou a mando de Abu Bakr; é composto por 141 capítulos, chamados Suratas e com 6.236 versículos (ayas); A exceção de um único capítulo, os demais iniciam “Em nome de Deus, o Misericordioso, o Misericordioso”; é escrito em árabe; as orações devem ser feitas em árabe; o verdadeiro sentido do Al Corão só pode ser conhecido na sua versão em árabe

^{vi} “Dito”, “conversa”; atos e ditos do Profeta; a Haddit é a segunda fonte de orientação para os muçulmanos; compõe a Sunna; a Haddit possui duas partes: Sanad (lista de narradores que leva a fonte original) e a Matu (o conteúdo propriamente dito);

^{vii} São as orientações jurídicas dadas aos muçulmanos, baseadas no Al Corão e na Haddith; é aplicada de acordo com as tradições locais dos países muçulmanos; Há no entanto, aqueles que não mais adotam a Sharia como a lei fundamental;

^{viii} "Não há outra divindade senão Allah".

^{ix} “Tawhid é o mais elevado conceito de divindade, o conhecimento que Deus, através de Seus Profetas, enviou para a humanidade em todas as épocas. Foi com este conhecimento que, no começo, Adão foi enviado à terra; foi o mesmo conhecimento que foi revelado a Noé, Abraão, Moisés e Jesus (saw). Foi este conhecimento que Mohammad (saw) trouxe à humanidade. É o Conhecimento puro e absoluto, sem a menor sombra de ignorância. O homem tornou-se culpado de shirk, de idolatria e kufr só porque ele se afastou dos ensinamentos dos Profetas e passou a depender de seu raciocínio débil, de suas falsas percepções ou interpretações preconceituosas. Tawhid dispersa todas as nuvens da ignorância e ilumina o horizonte com a luz da realidade”. (MAWDUDI:2012)

^x Aquele que é o Senhor de tudo; Aquele que é Infinito e Eterno; Aquele que é Todo Poderoso, Onisciente, Onipotente e o Mais Sábio; Aquele que tudo sabe e tudo vê. Ele deve ter autoridade suprema sobre tudo o que existe no universo. Ele possui poderes ilimitados, deve ser o Senhor do universo e de tudo que nele se contém, deve ser livre de falhas ou fraquezas e ninguém tem o poder de interferir em Seu trabalho. Somente um Ser assim pode ser o Criador, o Controlador e o Governador do universo. (MAWDUDI:2012).

^{xi} O termo muçulmano vem da origem da palavra árabe MUSLIM que significa “Submeter-se”, e é exatamente esse o significado teológico para a palavra: ser muçulmano é submeter-se completamente a Deus e a Sua vontade, vivendo de acordo com os seus preceitos, estabelecidos pelas escrituras sagradas, registrados principalmente no Al Corão.

^{xii} Islamismo e meio – ambiente. Disponível em: http://islamismoemeioambiente.blogspot.com.br/2010_07_01_archive.html. Acesso em: 14/10/2012.

^{xiii} Disponível em: <http://asiantiga.blogspot.com.br/2010/07/mitos-de-criacao.html> Acessado em: 12/11/2012

^{xiv} Disponível em: <http://asiantiga.blogspot.com.br/2010/07/mitos-de-criacao.html> Acessado em: 12/11/2012

^{xv} ISLAM, Muhammad Muinul. *Towards a green earth: an Islamic perspective*. Asian Affairs, Vol. 26, No. 4 : 44-89, October-December, 2004.

^{xvi} “A *fitra*, ou princípio da criação, demonstra que a diversidade das criaturas (biodiversidade, etnias, culturas) não determina nenhum tipo de maldade, sendo que o mal e os conflitos existentes surgem por causa do egoísmo e afastamento das verdades divinas por parte dos seres humanos”. Disponível em: http://islamismoemioambiente.blogspot.com.br/2010_12_01_archive.html Acesso em: 05/11/2012.

^{xvii} Idem.

^{xviii} Islamismo e meio – ambiente. Disponível em: http://islamismoemioambiente.blogspot.com.br/2010_07_01_archive.html. Acesso em: 14/10/2012.

^{xix} idem

^{xx} “O *khalifa* é um dos princípios mais importantes para que entendamos a relação do muçulmano com o meio natural. A palavra *khalifa* (em português “califa”) significa legatário, representante ou vice-regente. Segundo a doutrina islâmica, Deus confiou ao ser humano Sua criação, portanto ambos os princípios, *khalifa* e *amana* (confiança) estão ligados. Os seres humanos representam Deus na terra e devem respeitar Suas leis, rendendo-se a elas em quaisquer circunstâncias. Vem daí o termo muçulmano, derivado do árabe *muslim*, ou seja, o que é submisso à vontade de Deus”. Disponível em: http://islamismoemioambiente.blogspot.com.br/2010_12_01_archive.html Acesso em: 05/11/2012.

^{xxi} São as orientações jurídicas dadas aos muçulmanos, baseadas no Al Corão e na Haddith; é aplicada de acordo com as tradições locais dos países muçulmanos, embora existam alguns Estados muçulmanos que já não adotam a Sharia como a lei fundamental.

^{xxii} Não nos deteremos na análise de cada regra dessas por entendermos que a literatura disponível pode suprir tal necessidade e por não ser esse o foco da nossa abordagem. A relação de regras citadas e suas discussões podem ser encontradas no endereço do texto usado. Disponível em: http://islamismoemioambiente.blogspot.com.br/2010_12_01_archive.html Acesso em: 05/11/2012.

^{xxiii} Essa cosmovisão é denominada de “Gestão Global” (termo adaptado em livre tradução. Para verificações, por favor, consultar o texto na língua original) in: ISLAM, Muhammad Muinul. *Towards a green earth: an Islamic perspective*. Asian Affairs, Vol. 26, No. 4: 44-89, October-December, 2004.

^{xxiv} Para uma melhor discussão sobre orientações, preceitos religiosos e regras sociais para o cuidado com elementos específicos da natureza como: terras, água, petróleo, flora e fauna, etc. , por favor, consulte a bibliografia no final desse artigo.

REFERÊNCIAS

- AMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus – O fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BAGADER, A.; EL-SABBAGH, A; AL-GLAYAND, M. e SAMARRAI, M. **Proteção ambiental no islã – Uma introdução.** Disponível em: <http://www.islamreligion.com/pt/articles/307>. Acesso em: 05/11/2012.
- BOUÇÓS, Hugo D. B. ; JORGE, Fernando M. C. S. **A proteção ambiental na doutrina islâmica.** Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2005.
- DaMATTA, Roberto. **O ofício do etnólogo ou como ter anthropological Blues** p.23-35.. In: NUNES, Edson de oliveira. **A Aventura Sociológica- Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social.** Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- FERREIRA, Francirosy Campos Barbosa. 2009. **Redes islâmicas em São Paulo: Nascidos Muçulmanos e revertidos.** In: Revista Litteris, número 3, novembro de 2009. Disponível em: <http://antropologiasocial.com.br/wpcontent/uploads/2010/10/redesislamicasemsaopaulo.pdf>. Acesso em 06/09/2011.
- GEERTZ , Clifford. **A religião como sistema cultural.** In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- _____. **Obervando o Islã – O desenvolvimento religioso no Marrocos e na Indonésia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- HOURANI, Albert Habibi. **Uma história dos povos árabes.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ISLAM, Muhammad Muinul. **Towards a green earth: an Islamic perspective.** Asian Affairs, Vol. 26, No. 4 : 44-89, October-December, 2004.
- MATOS, Keila. **Contextualização histórica, sócio-cultural e religiosa do islamismo.** Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 19, n. 5/6, p. 449-464, maio/jun. 2009.
- MAWDUDI , Abul A'La Mawdudi. **Tawid – A fé na unicidade de Deus.** Disponível em: sbmrj.org.br . Acesso em : 03/11/2012.
- MOSCOVICI, Serge. **Por que os ecologistas fazem política?** In: Para pensar a Natureza. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. Pps. 31-79.
- PIAZZA apud Matos, in: MATOS, Keila. **Contextualização histórica, sócio-cultural e religiosa do islamismo.** Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 19, n. 5/6, p. 449-464, maio/jun. 2009.
- PRADO, Abdennur. **Ecologia islâmica.** Disponível em: <http://abdennurprado.wordpress.com/2009/05/13/ecologia-islamica/> Acesso em: 03/11/2012.
- SAFAR, Martin. **Islamic environmental law.** Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/41767952/Islamic-Environmental-Law> Acesso: 05/11/2012.
- SANTOS, Álvaro. **Jardins – Culturas e estilos.** Disponível em : <http://jardinagemepaisagismo.com/jardins-culturas-e-estilos-2/> Acessado: 12/11/2012.
- SOUZA, Vanessa Karla Mota de. **Para lá e de volta a Allah: Uma análise antropológica sobre a construção da identidade muçulmana entre os revertidos brasileiros na comunidade islâmica sunita em João Pessoa – Paraíba.** Universidade Federal da Paraíba, abril de 2013 (a ser defendida).

TAHAN, Malba. **A árvore e a floresta**. In: O livro de Aladim. Rio de Janeiro: Record, 2001. Pgs. 101-104.

ZWETSCH, Roberto. **Ecologia e Espiritualidade – uma reflexão missiológica**. Disponível em: http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4801_2008/et2008-1d_rzwetsch.pdf Acessado em 05/11/2012.

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u635475.shtml> Acessado: 05/11/2012

www.fambras.org.br. Acessado em: 14/10/2012.

<http://super.abril.com.br/religiao/criacao-mundo-447670.shtml>. Acessado em: 14/10/2012.

http://islamismoemeioambiente.blogspot.com.br/2010_07_01_archive.html. Acesso em: 14/10/2012.